



Artículos y Ensayos

RESÍDUO MNÊMICO, PSICOMITOLOGIA, NATUREZA E CULTURA: O FEMININO INDÍGENA COMO FATOR DE RESISTÊNCIA SUBJETIVA DE UMA ETNIA SUL-AMERICANA

VALÉRIA MEDEIROS ANDRADE - TEREZINHA DE CAMARGO VIANA

RESUMO

Este artigo aborda a etnia Krahô que habita no estado do Tocantins, Amazônia Legal, Brasil, e o tema da violência física e psíquica que esse povo indígena sofreu na disputa pela terra com os fazendeiros locais, e seu desdobramento na auto-eco-organização. Partindo de uma reflexão sobre o pensamento psicanalítico de Sigmund Freud em *Totem e Tabu*, *O Futuro de uma Ilusão e O Mal-estar na Civilização*, apontamos as relações entre Natureza e Cultura na construção da subjetividade indígena, e como a dimensão que é ocupada pelas suas mulheres, demonstra que o feminino, referenciado em sua mitologia, é um elemento regulador do equilíbrio dinâmico entre o político, o social e a biodiversidade.

Palavras-chave: Natureza; cultura; mulher; índios

RESIDUOS MNEMICO, PSICOMITOLOGIA, NATURALEZA Y CULTURA: LAS MUJERES INDÍGENAS COMO FACTOR DE RESISTENCIA SUBJETIVA DE UNA ETNIA SUDAMERICANA

RESUMEN

Este artículo trata de la etnicidad Krahô que habita en el estado de Tocantins, Amazonia, Brasil, y el tema de la violencia física y psicológica que sufren los pueblos indígenas en la disputa por la tierra con los agricultores locales, y su impacto en la auto-eco-organización. A partir de una reflexión sobre



el pensamiento psicoanalítico de Sigmund Freud en Tótem y tabú, El porvenir de una ilusión y El malestar en la civilización, señalamos la relación entre naturaleza y cultura indígena en la construcción de la subjetividad, y como una dimensión que está ocupada por sus mujeres, muestra que las mujeres se hace referencia en su mitología, como un regulador clave del equilibrio dinámico entre la política, lo social y la biodiversidad.

Palabras clave: Naturaleza; cultura; mujeres; indios

**WASTE MNEMIC, PSICOMITOLOGIA,
NATURE AND CULTURE: THE
INDIGENOUS WOMEN AS A FACTOR OF
SUBJECTIVE RESISTANCE OF A SOUTH
AMERICAN ETHNICITY**

ABSTRACT

This article discusses the ethnic Krahô who dwells in the state of Tocantins, Amazonia, Brazil, and the theme of physical and psychological violence that indigenous people suffered in the land dispute with local farmers, and its impact on self-eco-organization. Starting from a reflection on the psychoanalytic thinking of Sigmund Freud in Totem and Taboo, The Future of an Illusion and The Malaise in Civilization, we point the relationship between Nature and Culture in indigenous construction of subjectivity, and as a dimension that is occupied by their women, shows that females referenced in their mythology, is a key regulator of dynamic balance between political, social and biodiversity.

Key words: Nature; culture; women; indigenous people.



Introdução

O debate sobre a dicotomia Natureza e Cultura é cânone na psicologia, filosofia, sociologia, política, história, antropologia e nas relações de gênero. Para Leis (1996), retrocedendo à época da filosofia clássica da Grécia, a concepção de Natureza, sob o termo *physis* sobretudo para Aristóteles, designava um princípio da vida, fonte originária e movimento geral das coisas ou substância das coisas, que têm em si o movimento que lhes são próprias.

Para os Estóicos (Chauí, 2001) a Natureza significaria uma ordem necessária ou conexão causal que regularia ou presidiria a ordem do devir, detendo-se na afirmação do corpo, sendo que até a alma é corporal – *pneuma* - e como consequência, os juízos e as proposições só referiam-se ao particular, portanto não existiam corpos universais. Ademais, enquanto Aristóteles e os Estóicos teciam suas reflexões filosóficas em determinados pontos no globo terrestre, na mesma época e em outro ponto desse mesmo globo, os índios operavam na formação de seus saberes/fazer, destilando da Natureza o substrato para a formação de sua Cultura.

Observamos que os índios Krahô investem massivamente em manter a biodiversidade preservada em seu território, e empreendem grande esforço subjetivo e psíquico na relação entre Natureza e Cultura ao longo de milhares de anos. A terra com seus recursos de fauna, de flora e da água, são vitais no estabelecimento do seu pertencimento anímico e subjetivo existencial.



A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais — e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização —, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. (Freud, 1927-1931, p. 3).

Na década de 40 houve um massacre dessa etnia, deflagrado pelos fazendeiros do entorno da Terra Indígena Krahô, tendo como fator de disputa a terra. Os índios foram surpreendidos a noite enquanto dormiam, pelos fazendeiros que invadiram uma aldeia e despedaçaram, homens, mulheres e crianças. Após tal atrocidade, os Krahô se mobilizaram para obter a garantia do Estado brasileiro de proteção do seu território, vindo a ser homologado em 1990.

Tal violência gerou um paulatino dismantelo e ruptura simbólica nas dimensões da Cultura e do corpo físico, trazendo consigo uma espécie de depressão coletiva: por um lado um desestímulo para prática dos ritos e dos valores e saberes tradicionais, e por outro uma proliferação de doenças dermatológicas, alcoolismo e outras degenerescências.

O massacre dos Krahô evidenciou duas forças: uma no sentido de lidar com a Natureza, por meio da legalização e gestão dos recursos naturais; e a outra que marcava uma posição com relação aos seus oponentes fazendeiros. Esses dois vetores marcavam a



necessidade de uma afirmação do *ethos* vinculado à sua subjetividade e coletividade, o reordenamento de uma ética metacomunitária (Morin, 2005).

Pensar-se-ia ser possível um reordenamento das relações humanas, que removeria as fontes de insatisfação para com a civilização pela renúncia à coerção e à repressão dos instintos, de sorte que, imperturbados pela discórdia interna, os homens pudessem dedicar-se à aquisição da riqueza e à sua fruição. Essa seria a idade de ouro, mas é discutível se tal estado de coisas pode ser tornado realidade. Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto; sequer parece certo se, caso cessasse a coerção, a maioria dos seres humanos estaria preparada para empreender o trabalho necessário à aquisição de novas riquezas. Acho que se tem de levar em conta o fato de estarem presentes em todos os homens tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, e que, num grande número de pessoas, essas tendências são suficientemente fortes para determinar o comportamento delas na sociedade humana. (Freud, 1927-1931, p.4).

Essa posição subjetiva, como resultado de uma violência anti-social que gera medidas de proteção, é bastante peculiar a o que uma crise ambiental impetra nos povos indígenas. Observamos haver uma imersão tão intensa desses indígenas na Natureza, que o tema da biodiversidade ganha uma máxima relevância.

A relação com a terra decifrou o compasso cotidiano, traduzida no sustento e na vitalização da persona e da Cultura, tendo por combustível a complexa necessidade pelo território: sustento alimentar, sustento ontológico (o ser, seu conhecimento, sua experiência).

Trazemos outro fator sociocultural dessa etnia, que por sua vez é dicotomizante em relação à sociedade patriarcal/capitalista ocidental. Diz respeito ao seu aspecto uxorilocal



(Melatti, 1972), ou seja, a dimensão matrilinear que referencia que quando um casal contrai matrimônio, o esposo deve morar na casa da mãe da esposa, e a partir de então, se sujeitar às regras da casa da sogra. A importância dessa determinação nos infere que, é a relação de gênero o fator regulador de compensação da sociedade Krahô, no fomento da resistência étnica.

Natureza e Cultura e a produção regenerativa subjetividade Krahô

Em Eisler (1989), a Europa antiga experimenta a ruptura física e cultural das sociedades neolíticas adoradoras do feminino no quinto milênio a.C., que segundo Gimbutas (*apud* Eisler, 1989), é protagonizada violentamente pelos kurgos, que são os primeiros agentes aniquiladores do padrão dos ritos ancestrais de culto à feminilidade (uma conformação social centrada na organização gilânica, ou seja, centrada na mulher). O logos masculino, cujo centro do poder organiza-se de forma andocrática, atuou suprimindo o feminino, e foi se configurando ao longo do tempo, no sistema político, social, econômico e cultural da atualidade.

Nos primórdios da civilização temos o totem como elemento vetorial para a configuração social e seus atributos.

O totem pode ser herdado tanto pela linha feminina quanto pela masculina. É possível que originalmente o primeiro método de descendência predominasse em toda parte e só subseqüentemente fosse substituído pelo último.(...)

E chegamos agora, por fim, à característica do sistema totêmico que atraiu o interesse dos psicanalistas. Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas



do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da 'exogamia', uma instituição relacionada com o totemismo. (Freud, 1913-1914, p.7).

O totem deriva da Natureza; mas produz a Cultura, que deriva da civilização. Segundo Machado (1998) a questão da igualdade/diferença no pensamento ocidental cria o dilema indissolúvel entre a Cultura estando para o masculino e o feminino para a Natureza, onde o masculino ocupa quaisquer níveis que sejam superiores, construindo a realidade.

Em Descartes (2002) Natureza torna-se sinônimo de existência em si, não tem mais orientação, passando a ser um mecanismo *partes extra partes* que acarreta a idéia de um sistema de leis, resultando automaticamente na ação das leis da matéria.

A palavra Natureza deriva de *nascor*, nascer, viver.

Segundo Merleau-Ponty (2000) Natureza é o que tem sentido, sem que esse sentido tenha sido estabelecido por um pensamento; ela tem um interior, determina-se de dentro.

É o primordial, o não-construído, o não-instituído, daí a idéia de um eterno retorno da Natureza, de uma solidez. Ainda segundo Merleau-Ponty (2000), para Aristóteles a palavra Natureza traz a idéia de uma ação à distância entre as partes do mundo, de uma ligação e não coesão dos corpos; a idéia do *destino* qualitativo dos corpos. Essa idéia ainda influenciou o Renascimento, pois resgata o conceito de Natureza como *Alma Mater*.

Segundo Bizzocchi (2003) a palavra Cultura na antropologia é entendida como tudo aquilo que no ser humano não é produto do instinto biológico. É o conjunto das manifestações humanas de caráter intelectual, espiritual a artístico, ligados ao conhecimento e à reflexão de idéias.



O debate **Natureza** e **Cultura** dita que pertence ao universo da Cultura tudo o que o homem acrescentou à Natureza, assim como tudo que é hereditário e aprendido pelo homem, estando para a Cultura também o aspecto social pois todo homem é capaz de aprender com sua própria experiência, onde o conhecimento adquirido somente passa a fazer parte da Cultura no momento em que é socialmente partilhado. Os comportamentos de índole cultural precisam ser transmitidos de um indivíduo a outro, por meio do uso da linguagem, que exerce papel fundamental na transmissão da Cultura.

Retomando a sociedade Krahô, vemos que constituem-se numa Cultura baseada nos casamentos que são regulados pela linha feminina, que por sua vez está ligada a um totem, ativado por uma perspectiva da fauna, da biodiversidade. Sendo assim esse elemento da Natureza toma uma proporção supervalorizada que incrementa a Cultura, regulando o mito, o rito, o social e o político.

A relação histórica entre as classes matrimoniais (que, em algumas tribos, chegam a oito) e os clãs totêmicos é completamente obscura. É simplesmente evidente que estas disposições visam ao mesmo objetivo que a exogamia totêmica e o levam ainda mais longe. Entretanto, enquanto a exogamia totêmica dá a impressão de ser uma ordenação sagrada de origem desconhecida — em suma, de ser um costume — a complicada instituição das classes matrimoniais, com suas subdivisões e os regulamentos que a elas se vinculam, parece mais o resultado de uma legislação deliberada, que pode talvez ter-se encarregado de assumir a prevenção do incesto, em virtude do declínio da influência do totem. E, enquanto o sistema totêmico é, como sabemos, a base de todas as outras obrigações sociais e restrições morais da tribo (...). (Freud, 1913-1914, p.10).



O tema da uxorilocalidade se desdobra sobre as atividades culturais nos Krahô, que caracterizam-se também por serem semióticas, isto é, linguagens produtoras de mensagens dirigidas a um receptor coletivo que é polifônico, e em sua forma pura, são veículos motivados, pelo querer e pelo dever de preservação e manutenção da Natureza. A linguagem é um recurso que utilizam para elaborar diferentes representações do mundo natural e de suas relações entre eles e com o seu redor, e contrariamente às atividades utilitárias, as atividades culturais possuem uma vocação “contemplativa” e “elaborativa”: são tentativas de explicação dos fenômenos do universo psíquico, físico e social através de diferentes óticas, constituindo a subjetividade. Pensamos que dessa forma, produzem o totem como uma semiótica da Natureza, personificado na Cultura.

O sujeito em Morin (1996), ocupa um espaço que se baseia na existência de uma metafísica e uma filosofia que se confundem na psique, pois nele se fixam liberdade e moral, frente aos determinismos físicos, biológicos, sociológicos ou culturais. Essa autonomia é regulada pela auto-eco-organização, que relaciona a interdependência entre Natureza e Cultura. Nos Krahô esta autonomia depende não só da energia do psiquismo, mas também da capacidade de auto-regenerarem e auto-repararem essa dimensão psíquica, segundo um processo de organização recursiva, que pode ser repetido e se refazer.

As mulheres Krahô são um possível combustível cultural para o psiquismo individual e coletivo, pois refratam o campo feminino em derivações, refrações, interações e interrelações com a Natureza. É com a uxorilocalidade que a interpretação das riquezas naturais sempre foi fomentada, a despeito do violento massacre, deslocando para um fim



e um novo começo, um novo lugar, que num crescendo, coaduna com a sustentabilidade da subjetividade.

Mitologia Krahô: uma sustentabilidade que resiste na subjetividade

Barbosa (2002) emprega o termo “paleoíndio” para referir-se a periodização da pré-história sul-americana, caracterizando um sistema econômico particular, identificado nas populações indígenas sul-americanas, que há 12.000 anos eram caçadoras e coletoras. As investigações científicas demonstraram a movimentação adotada por estas populações relacionando-as com alterações ambientais, o que acarretou a adaptação cultural em relação à natureza, levando estes povos a fazerem um planejamento ambiental e social em busca de alternativas de sobrevivência.

Também Silveira e Lopes (1994) indicam que a pré-história da Amazônia determina que diversas populações viviam em diferentes graus de desenvolvimento, apresentando padrões socioculturais muito simples, estando relacionados às condições naturais e ecológicas dessa região. O período de vigência é chamado pré-colonial ou pré-colombiano, estendendo-se para populações pré-colombianas. Segundo Freud (1913-1914), tais populações podem ser descritas como segue abaixo:

O homem pré-histórico, nas várias etapas de seu desenvolvimento, nos é conhecido através dos monumentos e implementos inanimados que restaram dele, através das informações sobre sua arte, religião e atitude para com a vida — que nos chegaram diretamente ou por meio de tradição transmitida pelas lendas, mitos e contos de fadas —, e através das relíquias de seu modo de pensar que sobrevivem em nossas maneiras e costumes. À parte disso, porém, num certo



sentido, ele ainda é nosso contemporâneo. Há homens vivendo em nossa época que, acreditamos, estão muito próximos do homem primitivo, muito mais do que nós, e a quem, portanto, consideramos como seus herdeiros e representantes diretos. Esse é o nosso ponto de vista a respeito daqueles que descrevemos como selvagens ou semi-selvagens; e sua vida mental deve apresentar um interesse peculiar para nós, se estamos certos quando vemos nela um retrato bem conservado de um primitivo estágio de nosso próprio desenvolvimento. (Freud, 1913-1914, p.6).

Certo pensamento nos inquieta. Pensamos sobre o que remanesce entre os Krahô como estratificação mnêmica, que os faz manter uma cultura paleolítica. A constituição mnêmica em seu psiquismo remanesce de milhares de anos, fazendo-os presentes e insistentes, a despeito inclusive da violência física e simbólica desde a colonização do Brasil. Como instrumento da sobrevivência psíquica mnêmica tem-se a tradição oral - a linguagem - que se desdobra no veículo subjetivo imanente, instituído pela capacidade de dar sentido e direção à essa coletividade indígena, que passa seu *ethos* de geração a geração, e que configura um pertencimento contemporâneo *outro*, de outro tipo.

Esse fato nos conduz ao problema mais geral da preservação na esfera da mente. O assunto mal foi estudado ainda, mas é tão atraente e importante, que nos será permitido voltarmos um pouco nossa atenção para ele, ainda que nossa desculpa seja insuficiente. Desde que superamos o erro de supor que o esquecimento com que nos achamos familiarizados significava a destruição do resíduo mnêmico — isto é, a sua aniquilação —, ficamos inclinados a assumir o



ponto de vista oposto, ou seja, o de que, na vida mental, nada do que uma vez se formou pode perecer — o de que tudo é, de alguma maneira, preservado e que, em circunstâncias apropriadas (quando, por exemplo, a regressão volta suficientemente atrás), pode ser trazido de novo à luz. (Freud, 1927-1931, p. 39).

Natureza e Cultura se correlacionam na dimensão mnêmica, codificados em saberes/fazeres e apreendidos pela ontologia indígena. O mnêmico é o que suscita a sustentabilidade, pois permite que o binômio Natureza-Cultura seja vivenciado. Como parte do sistema sócio-político Krahô, fundamenta, estrutura e organiza os constituintes ontológicos, que dão direção e sentido à epistême civilizacional. Sobre o sistema sócio-político dos Krahô, temos o seguinte relato mítico na entrevista com Schiavini¹:

Eles procuram o equilíbrio através das corridas de toras. Isso é no meu entender. É o equilíbrio da sociedade que está ligado ao equilíbrio da Natureza. Com Katãmeie (inverno) e Wakmeie (verão), que são as metades sazonais e representam os pólos que se complementam. É o yin e o yang. Todos os elementos da Natureza são classificados de acordo com essa dicotomia. Então o buriti (tora), é uma árvore sagrada para os Krahô, porque ela está na gênese Krahô; início da gênese, no aparecimento do sol e da lua que vieram habitar a terra, e os dois eram masculinos, não eram homem e mulher.

¹ Fernando Schiavini é um indigenista da Fundação Nacional do Índio, órgão do Estado brasileiro. Ele trabalha há 30 anos com os Krahô. Essa entrevista concedida em abr. de 2002 durante a primeira reunião dos pajés Krahô.



Nessa entrevista, há o relato de uma vertente da dinâmica sócio-política dos Krahô, relacionado-a inclusive com a milenar sabedoria chinesa do Tao: yin e o yang. Em Morin (1999) o yin e o yang são dois grandes sistemas opostos, porém complementares, saídos da mesma fonte, contidos um no outro. No relato da gênese mítica dos Krahô é apontada como a fonte que assinala a importância do buriti, espécie de palmeira muito encontrada no bioma cerrado, que é utilizada nas corridas de toras.

Os corredores podem ser homens e mulheres, no entanto as corridas se realizam separadamente para cada um dos gêneros. O peso da tora de buriti varia, sendo um pouco mais leve para as corridas das mulheres e mais pesado para a corrida dos homens.

Schiavini prosseguiu relatando nesse mito, a parte da gênese da mulher²:

O sol era mais poderoso que a lua, e mais justo e correto. Os dois eram amigos formais. O sol que criou a mulher, por meio de uma cabaça que jogou na água. A lua ficou com inveja e deflorou a mulher. Mas tem um momento da estória, bem no começo, antes inclusive da mulher aparecer, que o sol começou a fazer um cocô bem amarelinho, que a lua achou bonito e pensou: “Mas o que ele tá comendo? Eu não faço cocô assim!” E a lua sempre procurava imitar o sol, procurar e vigiar o que ele fazia. Começou a segui-lo e viu que o sol comia buriti. Era seu alimento preferido. Então o buriti ta lá na gênese, bem no comecinho. O buriti pertence a Katãmeie e Wakmeie. Ele dá no brejo e é amarelo como o sol.

² Entrevista concedida em abr. de 2002 durante a primeira reunião dos pajés Krahô.



A palmeira buriti esta no meio, congruente a *Katãmeie* e *Wakmeie*, pois se é do brejo (água) é *Katãmeie*, e por ser amarela como o sol (seco) é *Wakmeie*. Essa congruência é o equilíbrio. Além disso, nota-se que o fato dos Krahô sempre realizarem essa corrida com o buriti (Natureza), reafirmam o mito (resíduo minêmico) e o equilíbrio político (Cultura).

Em Morin (1999) o mito nas sociedades ancestrais de caçadores-coletores, acompanha o pensamento empírico/lógico/racional, que organizou um verdadeiro saber botânico, zoológico, ecológico, tecnológico.

No mito, a criação da mulher vem posterior a uma disputa por causa da qualidade das fezes, o que provoca uma inveja, e na seqüência vai provocar o defloramento da mulher recém-criada num ataque violento. Ou seja, os atos técnicos relacionados dos luminares incidem no feminino, trazendo dois traços da personalidade da lua: a inveja e a violência.

Isso demonstra que a regra da uxorilocalidade apesar de empoderar a mulher e a linhagem feminina, traz a ambivalência da mulher deflorada. Talvez ela venha para a regulação exogâmica, atribuindo às mulheres um controle do doméstico, da procriação e da fabricação humana do social, e só. Também os totens do sol e da lua fazem uma referência externa de atributos qualitativos de suas características biológicas e comportamentais, numa relação onde o primeiro parece ser mais ciente de si, enquanto o segundo produz sua subjetividade a partir do que admira no sol.

Uma vez que os totens são hereditários não mutáveis pelo casamento, é fácil acompanhar as conseqüências da proibição. Por exemplo: onde a descendência se faz pela linha feminina, se um homem do totem canguru casar-se com uma mulher do totem emu, todos os filhos, tanto os rapazes como as meninas,



pertencerão ao clã emu. Assim os regulamentos totêmicos tornarão impossível a um filho desse casamento manter relações sexuais incestuosas com sua mãe ou irmãs, que são emus como ele próprio. (Freud, 1913-1914, p. 8).

As metades políticas *Katãmeie* e *Wakmeie* são formas organizacionais que aglutinam os diversos clãs Krahô, sistematizados pelo fator climático. As relações de parentesco, assim regidas pela uxorilocalidade, postulam que os indivíduos nascidos na mesma casa se ligam entre si através de parentes consangüíneos por meio dos parentes femininos. Essa constituição complexa da sociedade Krahô nos faz perceber que se a partir da sua Cultura estratificam a Natureza, o feminino encontra-se na base de toda a sua formação. No entanto ficamos com a questão sobre qual potência social a mulher Krahô abarca.

De outra forma, Viveiros de Castro (2002) percebe no pensamento ameríndio sul-americano, a manifestação da “qualidade perspectiva”. O **perspectivismo ameríndio** trata de uma concepção comum a muitos povos do continente sul-americano, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos.

Guarnecido por uma resistência que articula o resíduo mnêmico com a linguagem, este perspectivismo ameríndio manifesta a epistemologia e a ontologia que o alimentam, dispondo que a distinção entre Natureza e Cultura, conceituada pela epistemologia ocidental, não possam ser justapostas nas cosmologias indígenas, sem passar por uma crítica etnológica. Então, o resíduo mnêmico revela o *ethos*.



Tabela 01. Atributos paradigmáticos para Natureza e Cultura segundo Viveiros de Castro (2002, p.348).

Natureza	Cultura
Universal	Particular
Objetivo	Subjetivo
Físico	Moral
Fato	Valor
Dado	Construído
Necessidade	Espontaneidade
Imanência	Transcendência
Animalidade	Humanidade

O mito Krahô relata sobre o sol e a lua personificados (Cultura) / que comem o buriti (Natureza). Entre o sol e a lua, existem sentimentos, e a lua inveja o sol, que possui traços de caráter como mais justo e mais correto. Essa disputa entre o sol e a lua, estimula a *competição* na corrida de toras, pois uma das metades é vencedora. Porém se uma metade permanece vencendo em sucessivas corridas, o chefe das corridas delibera que a oponente torne-se vencedora. Tal monopólio de vitórias compromete a boa convivência e o equilíbrio psíquico, social e político metacomunitário.

Pode imaginar o que são “mitos endopsíquicos”? São o fruto mais recente de meus trabalhos mentais. A obscura percepção interior de nosso próprio mecanismo psíquico estimula ilusões de pensamento, que são naturalmente projetadas para o exterior e, de modo característico, para o futuro e o além-mundo. Imortalidade, castigo, vida após a morte, todos constituem reflexos de nossa própria psique mais profunda (...) psicomitologia. (Freud, 1913-1914, p. 3).



O sol e a lua são projeções externas das constituições mentais do psiquismo paleolítico Krahô, que se desdobram na gênese da mulher. Essa gênese não foi pacífica, mas o papel da mulher na psicomitologia Krahô parece demonstrar que é nela que há a prevenção do infortúnio e colapso civilizacional, conforme podemos observar em um outro mito.

No mito sobre o tempo para os Krahô, Borges (2004) narra estória de uma Velha Senhora que se perdeu no mato quando foi coletar fita de *tucum*³. Ela ficou a vagar durante os dias e as noites, pois não sabia mais retornar à sua aldeia. Depois de tanto vagar resolveu parar e ver se escutava algum som do seu povo. Em determinado momento, essa Senhora foi abordada pela Noite, que formada por muitas pessoas (homens, mulheres, moças), a interpela sobre que fazia ali. Foi quando a Velha Senhora contou à Noite que havia se perdido.

A Noite falou: “E foi assim que você ficou?” “Foi”. “Você está perdida mas não vai acontecer nada. Quando nós formos embora ainda vem outro grupo empurrando nós. Eu falei pra você porque nós queremos falar pra você. Você está aqui sozinha, e como eu já falei, já sei como você ficou. Não vai acontecer nada, nós já passamos quase todos, agora falta um restinho. Quando nós acabarmos de passar, aí quando aclarar o dia, ainda vem outra turma, que é o Dia.” (Borges, 2004, p.7).

No mito, a turma da Noite corresponde a Katãmeie e a turma do Dia ao Wakmeie. Depois que a turma do Dia passou e mostrou o caminho de volta para sua aldeia, a Velha

³ Um cipó de retirado das folhas da palmeira buriti.



Senhora para lá voltou e juntou o seu povo para lhes contar o que havia lhe acontecido. Contou que Katãmeie cortou tora para ela, e quando Wakmeie chegou ambos contaram a ela como funcionava os partidos políticos. E assim, a Velha Senhora, contou a todos de sua aldeia os eventos que sucederam e a lógica dos partidos, e dessa forma ela decidiu organizar sua aldeia.

A velha falou: “Pois é assim que vocês vão fazer. Agora vocês do Katãmeie, vão botando nome nos meninos, este já fica no partido Katãmeie. E Wakmeie vai botando nome nas crianças que nasce e elas vão ficar Wakmeie e esse nome não pode sair do partido, é toda vida no lugar do partido. Quando se bota nome na criança, ela fica toda a vida no partido. (Borges, 2004, p. 9).

Nesse mito temos papel central da mulher na regulação do tempo e na instituição dos partidos políticos *Katãmeie* e *Wakmeie*, que por sua vez regulam o sentido e finalidade da nominação das crianças. O tempo alia a dimensão política com a ecologia, e as coloca à mercê da catalisação psíquica: os humores do dia e os da noite, que os Krahô tanto falam, que correspondem também com às estações das águas, *Katãmeie*, e da seca *Wakmeie*.

Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma



ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. (Freud, 1927-1931, p. 42).

Segundo Borges (2004), é no eixo Leste-Oeste que transita o Sol diariamente, ordenando a vida social Krahô e ritmada pelo cantor. Cantos e danças específicos estações secas e chuvosas, com suas respectivas cerimônias, inclusive aquelas que abrem e fecham tais períodos sazonais. Esses sistemas de classificação temporal operam a prática da construção e apreciação do mundo, estruturando a ação por meio de ferramentas cognitivas, imantadas no simbolismo sobre a Natureza (o clima).

Um outro incentivo para o desengajamento do ego com relação à massa geral de sensações — isto é, para o reconhecimento de um 'exterior', de um mundo externo — é proporcionado pelas freqüentes, múltiplas e inevitáveis sensações de sofrimento e desprazer, cujo afastamento e cuja fuga são impostos pelo princípio do prazer, no exercício de seu irrestrito domínio. Surge, então, uma tendência a isolar do ego tudo que pode tornar-se fonte de tal desprazer, a lançá-lo para fora e a criar um puro ego em busca de prazer, que sofre o confronto de um 'exterior' estranho e ameaçador. As fronteiras desse primitivo ego em busca de prazer não podem fugir a uma retificação através da experiência. (...) Assim, acaba-se por aprender um processo através do qual, por meio de uma direção deliberada das próprias atividades sensórias e de uma ação muscular apropriada, se pode diferenciar entre o que é interno — ou seja, que pertence ao ego — e o que é externo — ou seja, que emana do mundo externo. Desse modo, dá-se o primeiro



passo no sentido da introdução do princípio da realidade, que deve dominar o desenvolvimento futuro. (Freud, 1927-1931, p. 38).

Precedidos pela dimensão egóica que a nominação fomenta, a coletividade clânica, ocorre no processamento semiótico/simbólico da Natureza; a linguagem organiza os elementos de forma a estruturar a Cultura. Será na dimensão sempre revisitada da psicomitologia, repassada por meio da tradição oral (linguagem), que os substratos do material mnêmico depositam-se no inconsciente, migrando, ora para o superego (como regulador clânico cultural), ora para o ego, tendo como pano de fundo o feminino, que é o elemento endopsíquico que regula o equilíbrio social de resistência subjetiva dos Krahô.

Reflexões Finais

O feminino compõe a gênese Krahô dando sentido e direção do tempo e do político, como produto e determinante da biodiversidade, Natureza. Os sistemas simbólicos da Cultura são utilizados segundo suas regras prescritas, a partir do resíduo mnêmico na psicomitologia, com suas normas e sua funcionalidade, produzindo sobrevivência ao longo de milênios, desse povo indígena. Tal sobrevivência é cumulativa e circular, progressiva ou submetida a oscilações reguladoras, capaz de ajustamentos espontâneos ou submetida a crises.

A violência produz uma descontinuidade, onde se segue uma *outra* continuidade nas relações entre Natureza e Cultura, interrogando a região que torna possível o social e o político a favor da sustentabilidade subjetiva.



Por meio dos recursos conceituais psicanalíticos de Sigmund Freud, podemos concluir também que é nas relações entre Natureza e Cultura que os Krahô produzem e reproduzem subjetividade, debilitando o modelo androcêntrico/capitalista/patriarcal e sua violência homogeneizante. Numa localização espaço/temporal que vai afirmando continuamente sua resistência étnica, a mulher Krahô retém da Natureza o que constrói a Cultura, nela se constitui o *ethos* que se retroalimenta em sua reminiscência mnêmica.

Referências

- Barbosa, A. S. (2002). *Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do cerrado*. Goiânia: Universidade de Goiás. Instituto Trópico Úmido, 416p.
- Bizzocchi, A. (2003). *Anatomia da cultura: uma nova visão sobre a ciência, arte, religião, esporte e técnica*. São Paulo: Palas Athena, 368p.
- Borges, J. C. (2004). *O retorno da velha senhora ou categoria do tempo entre os Krahô*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia/ Universidade de Brasília, 110 p.



Chauí, M. (2001). *Convite à filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 440p.

Descartes, R. (2002). "Discurso do método". In: *Coleção A Obra-prima de Cada Autor*. São Paulo: Ed. Martin Claret, pp.21-70.

EISLER, R. (1989). *O Cálice e a Espada: nossa história nosso futuro*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 339 p.

Freud, S. (1913-1914). *Totem e tabu e outros trabalhos*. Volume XIII, 147p. (Disponível em:

http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000164.pdf. Acessado em: 19/08/2012).

Freud, S. (1927-1931). *O Futuro de uma Ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Volume XXI, 137p. (Disponível em: http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000164.pdf. Acessado em: 19/08/2012).

LEIS, H. R. (1996). *O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização*. São Paulo: Ed Gaia, Blumenau: Fundação Universidade de Blumenau, 173p.

Machado, L. Z. (1998). "Estudos de gênero: para além do jogo entre intelectuais e feministas". In: Schpun, M. (org). *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Ed, das Mulheres, pp. 94-139.

Melatti, J. C. (1972). *O messianismo Krahô*. São Paulo: Heder, 140p.

Merleau-Ponty, M. (2000). *A natureza: notas - cursos no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 448 p.

Morin, E. (1996). "A noção de sujeito". In: Schntiman, D. F. (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 45-58.



Morin, E. (1999). *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 286p.

Morin, E. (2005). *O método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 222p.

Silveira, I. M. da; Lopes, D. F. (1994) "O homem na Amazônia: aspectos sócio-políticos-econômicos-culturais". In: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/IBAMA. *Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental/temas básicos*. Brasília: IBAMA, pp. 21-42.

Viveiros de Castro, E. (2002). *A inconstância da Alma Selvagem - e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 552p.